

ENTRE ENCANTOS E SILÊNCIOS: A LENDA DO BOTO E A VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO FEMININO

Juliana C. Duarte¹, Daniella Santos Magalhães²

1. Estudante do curso de Direito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

2. Doutora, Professora (Orientadora) Adjunta do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas (DCSA) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

RESUMO

O projeto de pesquisa intitulado "ENTRE ENCANTOS E SILÊNCIOS: A LENDA DO BOTO E A VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO FEMININO" analisa a relação entre o mito folclórico do boto-cor-de-rosa e a violência sofrida por mulheres ribeirinhas na região Norte do Brasil. A lenda, que narra um homem sedutor que engravida mulheres e desaparece nas águas, é reinterpretada à luz da violência de gênero. A pesquisa revela que a narrativa do "encantamento" serve frequentemente para encobrir casos reais de violência sexual, estupro, pedofilia e incesto, onde as vítimas são meninas e mulheres das comunidades. A análise demonstra como a versão idílica do mito opera um duplo silenciamento: primeiro, ao mascarar a agressão real sob a fantasia do encanto; segundo, ao deslocar a culpa para o corpo feminino, visto como impuro ou provocador. O estudo aponta ainda como a crença é utilizada para controlar o comportamento das mulheres, restringindo sua liberdade e associando sua vulnerabilidade a "poderes" sobrenaturais. Dados regionais alarmantes sobre violência sexual, especialmente contra meninas negras, pobres e residentes em áreas rurais e fronteiriças, corroboram a tese de que o mito legitima e naturaliza a violência. Estatísticas mostram que seis dos dez estados com maiores taxas de violência sexual contra crianças e adolescentes estão na Amazônia Legal, com vítimas majoritariamente pretas ou pardas. Por fim, o trabalho conclui que a lenda do boto é um mecanismo cultural profundamente enraizado que perpetua desigualdades de gênero. A desconstrução crítica dessa narrativa é, portanto, urgente para combater estruturas de poder patriarcais que encobriram abusos e perpetuam a vulnerabilidade feminina na região.

PALAVRAS-CHAVE: Boto-cor-de-rosa, Encantamento, Mulheres ribeirinhas, Patriarcado, Violência de gênero, Violência sexual.

"BETWEEN ENCHANTMENTS AND SILENCES: THE LEGEND OF THE BOTO AND VIOLENCE AGAINST THE FEMALE BODY"

ABSTRACT

The research project titled "BETWEEN ENCHANTMENTS AND SILENCES: THE LEGEND OF THE BOTO AND VIOLENCE AGAINST THE FEMALE BODY" examines the relationship between the folkloric myth of the pink river dolphin (boto) and the violence suffered by riverside women in Northern Brazil. The legend, which tells of a seductive man who impregnates women and disappears into the waters, is reinterpreted through the lens of gender-based violence. The study shows that the

narrative of "enchantment" often conceals real cases of sexual abuse, rape, pedophilia, and incest, affecting girls and women in these communities. The analysis highlights a double silencing: masking actual aggression under the guise of the myth and shifting blame onto the female body, seen as impure or provocative. The myth also controls women's behavior, restricting their freedom and associating vulnerability with "supernatural powers." Regional data reveal alarming rates of sexual violence, especially against poor Black girls in rural and border areas, supporting the idea that the myth legitimizes and naturalizes violence. Ultimately, the legend of the boto is a deeply rooted cultural mechanism perpetuating gender inequalities. Critically deconstructing this narrative is urgent to challenge patriarchal power structures that conceal abuse and maintain female vulnerability.

KEYWORDS: Pink river dolphin, Enchantment, Riverside women, Patriarchy, Gender-based violence, Sexual violence.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a relação entre o mito folclórico do boto-cor-de-rosa e a violência sofrida por mulheres na região Norte do Brasil, em especial as ribeirinhas. Misturar a realidade com o sobrenatural, oralizar e musicalizar são formas de sobrevivência em um mundo onde a violência é naturalizada. A lenda é narrada como a história de um homem jovem, belo e sedutor que, durante festas e celebrações, encanta mulheres, mantém relações sexuais que resultam muitas vezes em gravidez e, em seguida, desaparece nas águas, reassumindo sua forma original de boto. A compositora e cantora Dona Odete retrata esse imaginário em suas canções: "Contam que moço bonito / Saltava para dançar / Todo vestido de branco / Pra dançar com a cabocla Sinhá." As mulheres que foram encantadas engravidam e dão à luz, atribuindo ao boto filhos sem paternidade reconhecida.

Esse encanto é mais complexo do que parece. Após retornarem do "mundo dos botos", as mulheres apresentaram transtornos psicológicos e tentaram se atirar no rio para voltar à cidade subaquática, buscando reencontrar o homem boto. O desfecho dessas histórias foi a ida forçada para Porto Velho, com tratamento psiquiátrico e acompanhamento psicológico.

Há ainda uma dimensão de medo e violência que raramente é falada, mas que faz parte do cotidiano dessas comunidades, revelando que a lenda não é apenas um mito de encantamento, mas o encobrimento de uma narrativa marcada por dor. Quando se investigam as raízes dessa história, surge um conflito geracional: os mais velhos acreditam nos encantos e na realeza aquática do boto, enquanto as gerações atuais enxergam a narrativa como forma de ocultar casos de violência sexual, estupro, pedofilia e incesto, que vitimaram e ainda vitimam meninas e mulheres ribeirinhas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada neste trabalho incluiu a análise crítica de narrativas orais, e por meio do método indutivo, parte da análise de casos específicos e relatos consultados em estudos. Sousa (2023) investigou a comunidade de Nazaré, em Rondônia, demonstrando que, além do caráter sedutor tradicionalmente atribuído ao boto, o mito pode ser reinterpretado sob perspectivas religiosas e espirituais.

Além disso, canções populares, como as da compositora e cantora Dona Odete, que reproduzem e reforçam o imaginário cultural relacionado ao mito. Castro e Ribeiro

(2022) analisam como o mito do boto-cor-de-rosa se relaciona com a exploração sexual de crianças ribeirinhas, evidenciando que esse imaginário pode encobrir abusos, incesto e estupro, legitimando práticas de violência estrutural contra meninas e mulheres.

Foram utilizados também dados documentais e estatísticos de instituições como UNICEF, Fórum Brasileiro de Segurança Pública e reportagens da *Folha de S. Paulo*, que contextualizam os altos índices de violência sexual na Amazônia Legal. Nesse percurso, dialogou-se com produções acadêmicas consolidadas, como Silva e Best (1996), e reflexões de profissionais da área jurídica, como a juíza Núbia Guedes, que associam a lenda do boto a práticas de violência.

Ademais, reuniões do Grupo de Pesquisa em Estudos Feministas, Gênero e Diversidade – VIVA'S, além de encontros com bolsistas e voluntários, possibilitaram a produção de materiais didáticos, artigos e resumos, enriquecendo o trabalho teórico e prático.

A abordagem metodológica foi qualitativa e interdisciplinar, combinando literatura, folclore, música e história oral, analisando o mito como narrativa que preserva tradições, mas também encobre violências de gênero, evidenciando desigualdades nas comunidades ribeirinhas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos demonstram que existe uma versão do boto pouco explorada pelo folclore e pela música, mas marcante para mulheres. Conversas informais revelam que jovens não acreditam que o boto se metamorfosear ou engravide mulheres; muitos relatam que a lenda servia como desculpa para abusos cometidos por familiares.

Seis dos dez estados brasileiros com as maiores taxas de violência sexual contra crianças e adolescentes em 2023 estão localizados na Amazônia Legal. Foram registrados mais de 38 mil casos de estupro e estupro de vulnerável contra crianças e adolescentes na região. Meninas de 10 a 14 anos que vivem em áreas rurais estão entre as mais vulneráveis, atingindo a alarmante marca de 308 casos por 100 mil habitantes nessa faixa etária.

O mito evidencia desigualdade e o corpo feminino permanece exposto à violência, enquanto o masculino é considerado sagrado. Dados da *Folha de S. Paulo* mostram que Norte e Nordeste concentram os maiores índices de violência sexual, com

meninas de 10 a 14 anos em áreas rurais entre as mais vulneráveis (308 casos/100 mil habitantes). A desigualdade racial é evidente: 81% das vítimas são pretas ou pardas.

Segundo a juíza Núbia Guedes, a lenda do boto tem sido usada como narrativa para encobrir casos de violência sexual intrafamiliar (AGÊNCIA BRASIL, 2018). “A gente começa a ler e a gente começa a se deparar com o que está por trás da lenda do boto. São histórias dramáticas de violência sexual, contra crianças, meninas, geralmente cometida por pessoas da família. E por que a história do boto e até hoje é repetida? Porque, geralmente, são meninas que aparecem grávidas e que não podem revelar a identidade do pai das crianças, seja por temor, seja porque é de alguém próximo da família, pai, irmão ou primo. Ou não revela por vergonha também.”

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que é impossível falar dessa realidade, que mistura misticismo e violência, sem refletir sobre a violência de gênero e como a desigualdade contribui para sua perpetuação. Desde o início, usei as palavras “encantar” e “seduzir”, mesmo tratando de casos de violência, pois elas carregam um peso perverso: deslocam a culpa para o corpo feminino, como se a responsabilidade fosse da vítima.

A violência é disfarçada sob o véu do mito, e as agressões tornam-se histórias de amor proibido ou atos de desejo feminino. Assim, não são elas as culpadas, mas carregam o peso da culpa, protegendo o masculino e crucificando o feminino. Nas histórias, o boto não pode “enfeitiçar” os homens, cuja postura forma uma cruz que os torna intocáveis. O mito assume caráter espiritual.

As mulheres são desafortunadas por nascerem mulheres; a agressão parece justificável. O mito do boto revela um verdadeiro misto de dupla violência. De um lado, há a violência disfarçada de sedução, na qual meninas e mulheres são ludibriadas por pequenas promessas. De outro lado, existe a violência direta, o abuso sexual em sua forma mais explícita, que força meninas e mulheres a se esconderem, silenciando sua dor e sua experiência. Quando essas duas formas de violência se combinam, tornam-se instrumentos poderosos de controle social, revelando como desigualdades estruturais e culturais perpetuam a vulnerabilidade feminina nas comunidades ribeirinhas.

Essas reflexões apontam para a necessidade de revisão crítica das estruturas culturais e normativas que moldam relações de gênero, sugerindo políticas públicas mais inclusivas. O mito do boto deixa de ser apenas folclore e revela como narrativas encantadoras podem encobrir abusos reais. É preciso quebrar esse encanto, que esconde o verdadeiro animal violento: o homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. Lenda do boto esconde histórias de violência sexual, relata juíza. Radioagência Nacional, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2018-03/lenda-do-boto-esconde-historias-de-violencia-sexual-relata>

SOUSA, Rúbia Elza Martins de. Para além do encanto libidinoso: o mito do boto e o viver das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré – RO. *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, n. 42, e51824, 2023. DOI: 10.12957/geouerj.2023.51824. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2023.51824>. Acesso em: 29 set. 2025.

CASTRO, Dionisio Guedes de; RIBEIRO, Jose Moises. Do imaginio à exploração: a relação do boto-cor-de-rosa com a exploração sexual de crianças ribeirinhas. *Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca*, Franca, v. 7, n. 1, p. 463-475, dez. 2022. DOI: 10.21207/2675-0104.2022.1384. Disponível em: <https://doi.org/10.21207/2675-0104.2022.1384>. Acesso em: 29 set. 2025.

UNICEF; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência contra crianças e adolescentes na Amazônia: (2021-2023)*. Brasília: UNICEF; FBSP, 14 ago. 2025. Disponível em:

<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/dd129ce7-7b4a-4109-9fc5-2b89576277be>. Acesso em: 29 set. 2025.

ONETE, Dona. *Boto Namorador*. 2017. Gravadora: Som Livre.

Categoria	Descrição / Exemplos
Perigo associado ao período menstrual	A crença é que o boto “encanta” mulheres menstruadas. A família alerta meninas para evitar passeios de barco nesse período. Ex.: Ana Célia Costa, Manaus.
Controle e moralidade feminina	O mito regula comportamentos, ciclos e presença das mulheres nos espaços públicos, responsabilizando-as simbolicamente pela violência que sofrem.
Poderes atribuídos ao boto	Capacidade de “possuir” mulheres, alterando comportamento, atitudes e emoções. Homens não são afetados, pois têm uma cruz simbólica formada naturalmente em seus corpos, que os protege.
Desigualdade de gênero	Corpo feminino visto como vulnerável; corpo masculino como sagrado. Mulheres expostas à violência, homens protegidos por crenças simbólicas.
Contexto social e estrutural	Norte e Nordeste concentram maiores índices de violência sexual. Pará tem fatores de risco: exploração sexual infantil, migração masculina, fronteiras facilitando tráfico sexual.
Dados estatísticos	Entre 2021-2023: mais de 38 mil casos de estupro e estupro de vulnerável na Amazônia Legal; taxa de 166,5 casos/100 mil habitantes em municípios fronteiriços; meninas de 10-14 anos em áreas rurais: 308/100 mil.
Desigualdade racial	81% das vítimas pretas ou pardas; 17% brancas; 2,6% indígenas.
Violência disfarçada	Encanto do boto usado para atrair meninas a embarcações (turismo sexual, pequenas recompensas), exemplificado por relatos de Francisca Paes.
Violência direta	Abuso sexual explícito, silenciando

	meninas e mulheres, reforçando controle social e desigualdades culturais.
Interpretação judicial / acadêmica	Juíza Núbia Guedes: lenda do boto está ligada a casos de violência sexual familiar, onde a identidade do agressor não é revelada por medo ou vergonha.
Função do mito	Não apenas folclore; legitima, encobre e naturaliza práticas de exploração e violência contra meninas e mulheres nas comunidades ribeirinhas.

Tabela 1- Representações do Mito do boto e impactos sobre as mulheres